

Deficiência. É o que a FEDF pode ensinar

Problemas crônicos como a falta de professores, a precariedade das escolas e a falta de vagas em algumas regionais marcaram o primeiro dia de aula de mais de 360 mil alunos matriculados na rede oficial de ensino. Na Ceilândia e em Taguatinga, escolas de 1º e 2º graus desistiram de esperar pelas providências da Fundação Educacional. Diretores como Milton Salvador de Miranda, do Centro Educacional nº 5, resolveram assumir a escola e trabalhar em conjunto com alunos e problemas na solução desses problemas. Mas a secretária de Educação, Josephina Balocchi, pede "um pouco de calma e paciência" à comunidade estudantil, justificando que muitas reformas estão previstas para este ano. Quinze novas escolas serão cons-

truídas até o final do primeiro semestre. O déficit de 500 professores deverá ser corrigido até 15 de março, quando ocorrerão novas contratações. O concurso de remoção de professores para 120 vagas no Plano Piloto irá transtornar ainda mais as deficiências nas cidades-satélites, onde a superlotação das salas em algumas escolas já é inevitável. A falta de merenda escolar também preocupa os diretores de várias unidades, principalmente porque a própria FAE continua sem recursos para realimentar os estoques da rede. Sem segurança e forçados a aceitar a depredação como algo rotineiro, alunos e professores de grande parte das 456 escolas iniciam o ano letivo sem muitas esperanças.

Déficit de espaço superlota salas

Com o retorno dos alunos, a rede pública de ensino recebe também um incômodo papel de destaque no noticiário da imprensa, em função dos muitos problemas que carrega há vários anos. Exemplo típico é o excesso de alunos nas salas de várias escolas. A superlotação decorre da escassez de vagas para suprir a demanda crescente a cada ano, sem a correspondente expansão da rede de escolas.

O diretor da Escola Normal de Brasília, professor Júlio Horta, contou que na instituição a lotação é excessiva principalmente nas turmas de 1º grau e pré-escolar: "Cerca de 2 mil 800 alunos foram matriculados esse ano". A encarregada da supervisão do jardim de infância da ENB, Débora Passos Cúgola, diz que em cada turma existem de cinco a sete estudantes a mais que o número inicialmente previsto.

Outro problema percebido pelas diretorias de escolas da rede refere-se à merenda escolar. Pelo menos no Plano Piloto, o lanche de ontem não foi distribuído porque os colégios ainda

não receberam os gêneros alimentícios prometidos pela Diretoria de Assistência ao Educando da Fundação Educacional para os primeiros 25 dias letivos do ano. Através de cartas aos pais, os centros de ensino estão recomendando que os estudantes levem alimentos de casa.

O déficit de 500 professores na FEDF promete ser resolvido rapidamente com o remanejamento de profissionais. Sentindo a falta de oito funcionários, a Escola Normal de Brasília espera que o problema seja resolvido até o final da semana. "Os novos professores já foram designados para o colégio, mas hoje (ontem) ainda não puderam comparecer", lembrou o diretor da instituição.

Os incontáveis reparos a serem feitos na rede física da FEDF, prometidos pelo governador Joaquim Roriz no final do ano passado, aos poucos mostram resultados positivos. A Escola-Classe da 316 Norte que o diga. Depois de um ano de agonia, conseguindo funcionar precariamente com suas insta-

lações parcialmente interditadas, o colégio começou o novo período letivo em clima de festa.

"As instalações da escola, que estavam cheias de infiltrações e sendo mantidas de pé através de estacas de ferro e madeira, foram recuperadas ainda em dezembro passado", comentou a diretora do colégio, Dilma Boia Nascimento. A instituição, com cara nova, recebeu um número recorde de alunos — 630, divididos em dois turnos do pré-escolar à 4ª série.

O calendário escolar deste ano foi modificado em função da realização de uma recuperação extra para os alunos reprovados durante o período letivo de 1988. Mas toda a mudança, que adiou por quase duas semanas o início das aulas, não produziu bons resultados. A supervisora da Escola de Aplicação da ENB, Edileusa Novaes Botelho, disse que dos 23 estudantes de 1º grau que participaram da recuperação especial, apenas quatro conseguiram a aprovação. Esse resultado também foi repetido nas turmas de magisterio.

Filhos da crise descobrem o caos

Além dos alunos que não conseguem pagar escolas particulares, a rede pública começou a receber este ano um outro tipo de estudante: o egresso do ensino privado, de onde foi expulso pelo descompasso entre o preço das mensalidades e o orçamento doméstico. Eles imaginam encontrar na escola pública a qualidade do ensino e a organização administrativa às quais estão habituados.

Rodrigo Rodrigues Garcia, 11 anos, até o ano passado engordava a lista de alunos do Colégio Marista. Em janeiro foi fazer matrícula e recebeu uma informação que colocou em xeque sua permanência na escola. A taxa para garantir a vaga em 1989 era de NC\$ 45,00. Resultado: procurou o Centro Educacional nº 2, em Taguatinga, e preencheu o requerimento solicitando um lugar na 5ª série do turno matutino. Apesar de dizer que considera a situação normal, não esconde a expectativa: "Espero encontrar aqui a mesma organização de lá".

Mas a escola pública apresenta problemas que a maioria das particulares desconhece. Um deles refere-se à manutenção dos prédios. Com rachaduras nas paredes, buracos no teto e ausência de muros, a realidade é outra. No Centro Educacional nº 5, de Taguatinga, não foram feitas (e nem estão previstas) reformas.

Os mais de 2 mil alunos terão que conviver com vidros quebrados, forros arruinados e falta de carteiras. Das cerca de 400 carteiras quebradas no último ano letivo, apenas 70 foram repostas. Isso cria uma triste realidade: em uma sala existem 50 alunos para 38 assentos.

Os banheiros também despertam críticas de César Rangel,

presidente do Grêmio Estudantil: "São temos dois para mais de duas mil pessoas. No final do dia a gente vê a sujeira que fica". O diretor do CE nº 5, Milton Salvador de Miranda, resolveu buscar uma solução alternativa: "Assumimos a escola agora e já lançamos o nosso lema — ordem, disciplina e aprendizagem". Ele esclarece que o trabalho será desenvolvido em conjunto com os alunos.

Na biblioteca comunitária, sediada na escola, repetem-se os mesmos problemas. Conforme afirmou César, desde 1974 ela não recebe novos livros. Hoje o acervo não é suficiente nem para satisfazer as necessidades internas do colégio. Miranda reitera sua preocupação com isso: "Já fiz pedidos à Delegacia Regional de Taguatinga e não recebi respostas positivas".

MERENDA

Na cozinha do Centro Educacional nº 2, de Taguatinga, três cozinheiras terminam de preparar a merenda e começam a contagem regressiva. Estão garantidos apenas 17 cardápios, sem a liberação de verbas da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), não será possível continuar as aulas durante o mês de abril. A diretora da escola, Gessy Rodrigues de Souza, ainda depende de novas remessas. "Não sei se vamos receber mais suprimentos, e o que temos não é suficiente".

Como o orçamento da União para 1989 ainda depende de votação no Congresso, a FAE não recebeu os recursos destinados ao financiamento da merenda. A saída depende do GDF. Segundo o superintendente da fundação, Paulo de Tarso Bernardes de Assis, caberia ao Governo lo-

cal financiar toda a compra de alimentos até que fosse liberada a verba da FAE. Posteriormente seria feito um ajuste de contas.

Embora seja uma proposta plausível, ela esbarra em um entrave tributário. No início de cada ano o GDF lança em seu orçamento os gastos com a merenda escolar para os próximos 12 meses. A medida que são arrecadados os impostos, opera-se a distribuição de recursos para custeio dos programas. No caso específico da merenda, o cálculo das despesas é feito levando-se em consideração apenas o pagamento do GDF. Portanto, se não houver repasse de recursos de outras áreas, vai faltar dinheiro para a compra dos alimentos.

RECUPERAÇÃO

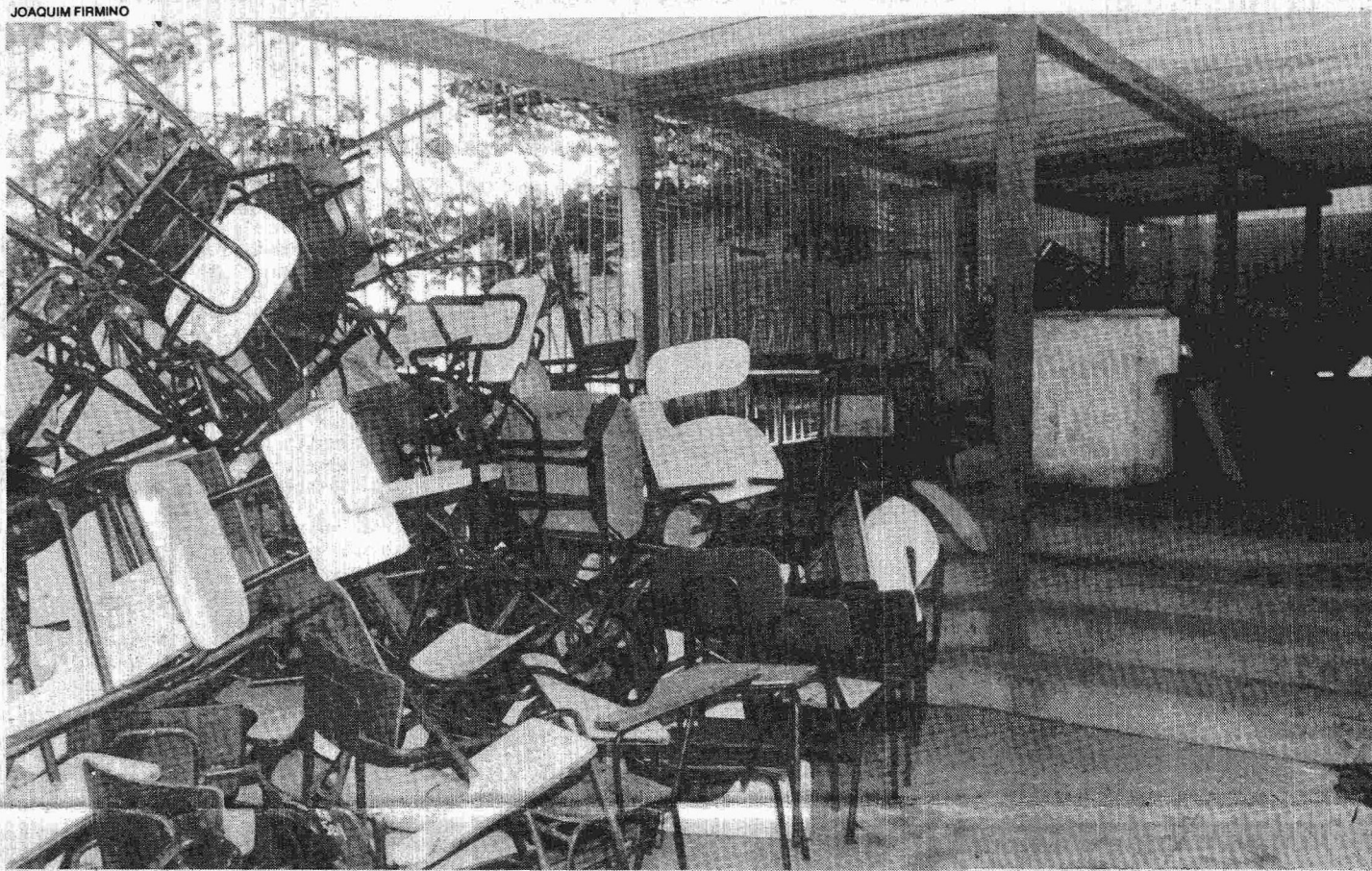
Poucos foram os alunos reprovados que souberam aproveitar a chance de recuperação dada pela Fundação Educacional. O número de aprovados ficou abaixo da expectativa. No CE-2, de Taguatinga, dos 94 inscritos para a recuperação somente 14 conseguiram rendimento satisfatório. Agostinho Pinto Lopes, diretor do Centro de Ensino Asa Branca, considerou o programa sem efeito: "Acabou sendo um desestímulo para os alunos".

Apesar do alto índice de reprovados na recuperação, não será mudado o esquema de trabalho para este ano. Aqueles que não conseguiram uma vaga devem procurar os centros de ensino. Para os alunos de 5ª a 8ª série, o CE-2 é uma opção. Também devem ser contactados os CE-3, 4, 5 e 13, todos em Taguatinga. Eles apresentam vagas para os estudantes de 2º grau.

FOTOS: BETH MUNHOZ



Excesso de alunos obriga a Escola Normal a superlotar as salas destinadas às turmas do pré-escolar e do 1º grau



O Centro de Ensino nº 3 (Ceilândia) precisa de 700 carteiras novas. As velhas ocupam os corredores, impréstáveis

Recuperação repete índices de reprovação

Dos 256 alunos do 1º e 2º graus do Centro Educacional nº 3 da Ceilândia que fizeram recuperação, apenas 43 passaram. No Centro de Ensino nº 4 do Guará, de 234 que compareceram à recuperação, 69 conseguiram aprovação. Em outras escolas, os números também apresentam a mesma proporção. Como a recuperação foi encerrada na sexta-feira, poucas escolas tinham ontem os números exatos de comparecimento e de aprovação. Mas os diretores, ainda assim, afirmaram que o índice de presença foi baixo e o de reprovação, muito alto.

Para Marisa de Castro Silva, diretora do Centro de Ensino nº 4, do Guará, a frequência foi baixa porque "os alunos não acreditaram que pudessem recuperar suas deficiências". Ela diz que um mal enfrentado pelas escolas públicas "é o grande número de alunos que todos os anos chegam de outros estados com o nível de aprendizado defasado".

Acrescente-se a isto a adaptação que têm de sofrer em relação às matérias dadas, que diferem de um estado para outro. Ela nega que a culpa pelo alto índice de reprovação seja das greves dos professores.

Guará, exemplo a ser seguido

Mesmo enfrentando problemas, a situação da rede oficial de ensino no Guará é considerada boa. Das três escolas visitadas pela reportagem do CORREIO BRAZILIENSE, apenas uma apresentou dificuldades: o Centro de Ensino nº 4 está sem muro, sem vigilância, com um déficit de 100 cadeiras e com problemas na instalação elétrica. Foi feita uma reforma durante o período letivo passado, "mas muito mal feita", de acordo com a encarregada da administração, Marlene Costa Pires.

Ela explicou que, com a falta de muro na parte de trás da escola, os professores e alunos têm que conviver diariamente com pedras que são atiradas nas janelas. Marlene diz que "não há vidro que chegue" para tapar os buracos provocados pelos vândalos, fazendo com que os professores se recusem a dar aulas. Com os vidros quebrados, carteiras e lâmpadas são constantemente roubadas. Nas outras duas escolas visitadas, a única preocupação é com a possibilidade de falta de merenda escolar, pois no ano passado já houve racionamento.

Ceilândia não muda. Falta professor, carteira...

Falta de professores, telhas quebradas, deficiência de carteiras, ausência de segurança, instalação elétrica problemática e sujeira. Estes são os problemas enfrentados pelos alunos que reiniciaram o ano letivo na rede oficial de ensino da Ceilândia. Segundo Paulo Batista, diretor do Centro Educacional nº 3 da satélite, "nada foi feito durante o período das férias escolares, existem apenas promessas por parte da Fundação Educacional".

Ele explicou que a escola conta com 120 professores para atender aos 3 mil alunos que frequentam os três turnos de aula; na Secretaria, há um secretário e dois assistentes para atender no mesmo período. O déficit de professores chega a 15, sendo que oito de cursos profissionalizantes. O que agrava o quadro, de acordo com Paulo, é que não existe professor concursado para tais cursos e os baixos salários estão afugentando os que trabalham na rede oficial de ensino.

Outro problema apontado pelo diretor é a falta de porteiro na escola. Não há qualquer policiamento que garanta a segurança dos alunos e professores. Mas Paulo continua aguardando a promessa feita pela FEDF de recuperar a limpeza da escola até o próximo fim de semana. Ele já marcou reunião com os pais para domingo, quando discutirá a organização de um mutirão para reduzir as dificuldades.

A falta de telhas provoca o surgimento de goteiras nas salas de aula; algumas delas não têm forro, sendo que os que ainda existem são um risco, pois o material é altamente inflamável. O sistema elétrico também não fica atrás: pois os fios expostos e a infiltração ameaçam os que frequentam o centro educacional. Acrescente-se a tudo isto a sujeira, pois não há funcionários suficientes para fazer a limpeza.

Antonio Carlos Chaul, diretor do Centro Educacional nº 2, da

mesma satélite, soma a essas questões a falta de carteiras e cadeiras. Segundo ele, para reiniciar as aulas seriam necessárias pelo menos 700 unidades. A expectativa é de que até o fim de semana os problemas estejam parcialmente resolvidos. Existe, ainda, o temor de faltar merenda escolar, como já aconteceu no ano passado, quando o lanche dos alunos foi racionado.

No primeiro dia do ano letivo não houve aula e, sim, apresentação das novas diretorias das duas escolas. Também foram colocadas as deficiências que todos terão que enfrentar neste início do ano. O consenso é de que é muito difícil conseguir ajuda da Fundação para a Ceilândia. Tanto Paulo quanto Antonio dizem que a comunidade tem colaborado muito, e que se a ajuda da FEDF demorar, os pais dos alunos serão convocados a participar de mutirões, "pois não há outra alternativa".

Interdição deixa 300 sem escola

Interditado desde o final de janeiro passado pela Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto, o Jardim de Infância da 404 Norte não pôde iniciar ontem o ano letivo. Apesar de computar 300 alunos matriculados, o colégio está fechado por tempo indeterminado em função das péssimas condições de conservação das instalações, que cheia de infiltrações, transformaram as salas de aula em verdadeiras lagoas.

"Pode ser que as aulas só comecem em agosto", diz a diretora do jardim, Cybele de Souza Lunkes. Ela conta que a previsão foi feita pelo Departamento de Engenharia da Fundação Educacional. O problema de infiltrações é antigo na escola — que em agosto próximo completa 25 anos de instalação a água da chuva se acumula na laje do prédio, sendo escoada por calhas. Mas este ano a situação piorou e a água desceu pelas paredes, denificando armários e o piso de madeira das salas.

RISCOS

E os alunos, como ficam? A questão está no ar e irrita os pais dos estudantes, que contavam com o funcionamento da escola. Por tratar-se de um Jardim, com 1º, 2º e 3º períodos, o risco de prejuízo para as crianças é pequeno, mas mesmo assim não se pode dizer que ele seja inexistente. A diretora do colégio está remanejando os integrantes do 3º período para uma outra escola na 405 Norte: "Eles não podem ficar sem uma preparação para ingressar, no próximo ano, na 1ª série do 1º grau".



Jardim da 404 Norte: infiltrações arruinaram o piso

O restante dos alunos continuará sem aulas até que o prédio seja completamente consertado. Mudar de colégio pode ser uma solução, mas os pais acreditam que não será nada fácil arrumar uma vaga em outra instituição da rede pública. "Escola particular, nem pensar", diz Aécio Furtado de Almeida, pai de uma das estudantes do Jardim.

E outra escola pública? "Essa é outra problema. Já foi um sufoco conseguir uma vaga aqui no final do ano passado, imagine só sair à cata de vaga agora", lembra Aécio. Esperando uma solução rápida da FEDF, as 12 professoras do colégio restringem-se a tentar salvar parte do material didático e dos móveis do Jardim. Já começamos a produzir o material perdido de novo", contou Cybele.